

CARÁTER MULTIDISCIPLINAR DO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Maria Thereza Fraga ROCCO *

RESUMO: O ensino de língua materna tem sido alvo de inúmeras discussões, seja quanto à sua natureza, seja no que diz respeito aos aspectos metodológicos que o envolvem. No presente texto, pretende-se, portanto, uma breve reflexão sobre algumas disciplinas afins e que podem auxiliar o professor em seu trabalho pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Materna. Disciplinas afins. Aspectos multidisciplinares. Lingüística. Psicolingüística. Sociolingüística. Semiótica. Teoria da comunicação.

Um trabalho em ensino de língua materna é hoje um campo aberto de amplas possibilidades, mas que pode facilmente, por paradoxal que pareça, tornar-se terreno árido e permeado por desencontros e frustrações.

Como tudo em nosso tempo, também os estudos relativos a uma pedagogia de primeira língua vêm sendo marcados por marchas e contramarchas, originadas pelas crescentes descobertas lingüísticas as quais, por sua vez, se recobrem de linhas teóricas diversas que, muitas vezes, chegam a se constituir por enfoques opostos e até mesmo contraditórios.

Não bastasse o espírito "agonístico" que marca os estudos atuais (o que, de certo modo, considero altamente positivo), observa-se que a análise da língua não mais se vincula a uma Gramática ou Retórica determinadas. Pelo contrário, uma série de disciplinas cientificamente embasadas, mesmo que com suportes teóricos os mais diversos, como já nos referimos, interessa-se pelo ensino de língua. Tal é o caso específico da lingüística que tem como objeto primeiro de suas investigações a própria língua, bem como outras disciplinas tais que a psicolingüística, a sociolingüística, a semiótica, a teoria da comunicação, (para citarmos as mais proeminentes).

Ora, na medida em que tais disciplinas se debruçam sobre o estudo da linguagem, elas acabam por iluminar faixas desse campo vastíssimo, emprestando-lhe contribuições extremamente valiosas. O amálgama que então se forma entre língua e estudo de língua, realizado à luz deste ou daquele

* Professora Assistente Doutora do Departamento de Metodologia e Educação Comparada. Faculdade de Educação. USP.

enfoque teórico, acaba por se tornar indissolúvel, gerando processos especiais de trabalho e dando origem a disciplinas, por assim dizer, novas, as quais, uma vez incorporadas, tornam-se também inseparáveis do processo *análise-ensino* de uma língua primeira.

Nesse caso, além da lingüística evidentemente, inscrevem-se, em um primeiro plano, conforme já citamos, a psicolingüística e a sociolingüística e em um segundo plano, não hierárquico, mas complementar, as já referidas semiótica e teoria da comunicação.

Surgem, então, desse conjunto de estudos da linguagem, várias gramáticas da língua e que, sem deixar de lado os aspectos positivos da gramática tradicional (posto que existem, e muitos), abrem perspectivas muito alentadoras para posterior desenvolvimento do ensino.

Vê-se assim a necessidade de se pensar nesse trabalho com língua materna sob ângulos multidisciplinares, ou seja, em um estudo por complementações.

Dessa maneira, não mais é possível ensinar língua sem apoio da Lingüística, em seus vários aspectos (semântico, morfo-sintático, fonético e fonológico), bem como sem o amparo de disciplinas tais que: psicolingüística, sociolingüística, semiótica e teoria da comunicação.

No caso específico da lingüística, é preciso necessariamente adotar o partido da lingüística aplicada, em face das inúmeras descobertas feitas e relações por ela estabelecidas. No entanto, ao se pensar em lingüística aplicada, ou em qualquer outra atividade ligada aos estudos da linguagem, é importante que se precavenha contra um grave perigo sobre o qual nos alerta Eddy Roulet, ou seja: para o fato de "as relações entre *teoria lingüística* (e outras teorias, acrescento), *descrições de uma língua e curso de língua* não serem tão simples e tão diretas como, com grande freqüência, se acreditou nos últimos anos".⁽¹⁾ (grifos meus). Quanto à *psicolingüística*, nota-se que é fundamental para a observação e escolha das estratégias de aprendizagem, na medida em que a mesma está voltada para o estudo do conhecimento e da competência que o indivíduo possui em usar a linguagem desde a infância, sendo objetivo básico dessa disciplina "tentar ir além da descrição do comportamento, bem como postular estruturas e processos subjacentes que possam explicar a evidente regularidade no comportamento observado"⁽²⁾, a fim de que se tente caracterizar tudo aquilo que é necessário conhecer a respeito de uma língua para que se use essa língua; é necessário também o apoio da *sociolingüística* para a definição dos objetivos do ensino, posto que não se pode querer entender o fenômeno língua dissociado de sua função social e comunicativa. Assim a sociolingüística contribui para esclarecer pontos obscuros do desenvolvimento da linguagem, na medida em que traz para dentro dessa linguagem elementos que

(1) ROULET, E. *Teorias Lingüísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas*. São Paulo, Pioneira, 1978, p. XVI.

(2) SLOBIN, D.I. *Psicolingüística*. São Paulo: EDUSP e Nacional, 1980, p. 2.

só aparentemente lhe são externos — quais sejam: as influências dos grupos, classes sociais, etnias etc. — dados que a escola não pode, de forma alguma, ignorar.

Observa-se ainda uma vez sobre a necessidade da presença efetiva de um processo de mediação entre a situação real de ensino e o aparato teórico fornecido por essas disciplinas. Nenhuma transposição direta das teorias a fim de uma utilização efetiva das mesmas deve ser feita sem prévia análise.

No tocante à semiótica e à teoria da comunicação, deixei propositadamente ambas para uma discussão final, de vez que, no presente contexto, solicitam reflexões mais aprofundadas. Por que a semiótica? Por que a teoria da comunicação quando do ensino de uma língua primeira? A semiótica é uma ciência que, de maneira geral, se mostra capaz de “explicar qualquer caso de *função signica* em termos de *sistemas* subjacentes correlatos de um ou mais códigos”⁽³⁾ (grifos do autor). Ora, na medida em que se aceita por verdadeira essa definição de Umberto Eco, ou seja, na medida em que se aceita ser a semiótica uma ciência da significação em todos os níveis e que se desenvolve a partir da teoria dos códigos, ao mesmo tempo em que se mostra como ciência da comunicação, na medida em que trabalha a nível da produção signica, julgo imprescindível trabalhar o ensino de língua primeira também em nível semiótico, de vez que a língua, enquanto sistema de significação e comunicação, submete-se evidentemente à teoria dos códigos (especificamente no caso: códigos oral e escrito), além de outros que a esses venham ser acrescentados).

Desejo aqui esclarecer meu ponto de vista, baseado nas proposições de Umberto Eco que afirma o seguinte: “teoria dos códigos e teoria da produção signica não corresponde exatamente àquela relação que existe entre *langue* e *parole* nem entre *competência* e *performance*”⁽⁴⁾ (grifos do autor). Corresponde a uma nova postura teórica que busca “delinear uma teoria de código que leve em consideração as mesmas regras de competência discursiva, de *formação textual*, de quebra de *ambigüidade textual* e *circunstancial*, propondo assim uma semântica que resolva em seu próprio âmbito os problemas comumente adscritos à pragmática”⁽⁵⁾ (grifos do autor). Acredito que não é pensar muito alto pensar ensino de língua materna nesses termos.

Cabe ainda refletir sobre uma última observação no que respeita à semiótica. Creio oportuno esclarecer aqui a terminologia utilizada, qual seja: *semiótica*. Mais uma vez, concordando com Umberto Eco e levando em conta as diferenças históricas que marcam os termos “semiologia” (de extração saussureana e “semiótica” (de extração peirceana e morrisiana), optei pela denominação *semiótica* como equivalente à *semiologia*, apoian-

(3) ECO, U. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1980, pp. 1-2.

(4) Op. cit., p. 2.

(5) Id. ib., p. 2.

do-me para tanto na mesma fonte indicada por Eco, a saber: a carta constitutiva da "International Association for Semiotic Studies — Association Internationale de Sémiotique", 1969⁽⁶⁾.

Com respeito à teoria da comunicação e suas relações com o ensino de língua materna, alguns pontos devem ser considerados. Tem-se, por exemplo, que: "Um estudante latino-americano, durante seus anos de escolaridade, passa, diante das telas de cinema ou televisão, quinze mil e quinhentas horas a mais do que passa numa sala de aula", conforme estatística apresentada no Seminário de Meios de Comunicação Social e Educação, no México e isso nos idos de 1971⁽⁷⁾.

Assim como a TV e o cinema, os demais veículos de comunicação (rádio, jornal, quadrinhos, "out-doors" etc.), são também amplamente divulgados e consumidos em nossa época, época essa caracterizada como sendo um tempo de imagem e de som, época de uma dose talvez excessiva de informações mosaicas e que podem muito bem redundar em *desinformação* ou *conformação*, caso algumas medidas acautelatórias não sejam tomadas.

Desta maneira, a escola em geral e o ensino de língua materna em particular devem refletir seriamente sobre a necessidade de se amparar também em uma teoria da comunicação, mas com função pedagógica, teoria essa que possa fornecer o necessário aparato crítico não só para que se efetive uma real análise dos veículos de comunicação, mas também para que seja avaliada e medida a influência, por eles exercida, sobre a criança, o jovem e mesmo sobre o adulto em situação escolar, pois como afirma Gutiérrez: "nos dias de hoje não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação"⁽⁸⁾.

Penso ser necessária uma nova pedagogia da linguagem para esse novo tempo — pedagogia essa que deverá aceitar e absorver os processos de comunicação, estudando-os criticamente. Deve também essa nova pedagogia, ainda que multidimensional, instaurar-se especificamente como uma pedagogia da palavra, posto que a palavra teve, tem e terá sempre um efeito mágico, encantatório e eterno uma vez que por ela, através dela, é que se dá a necessária mediação entre o sujeito e o real.

Finalizando essas rápidas reflexões, gostaria de deixar claro o seguinte: evidentemente não se pretende, ao ensinar língua materna, que se faça um estudo em profundidade de cada uma das disciplinas descritas e que devem evidentemente ajudar a compor um núcleo de ensino de língua primeira. Pretende-se antes que o professor tome conhecimento de especificidade das mesmas e se inteire das perspectivas e possibilidades por elas abertas e oferecidas.

(6) Cf. Eco, U., id. ib., p. 1.

(7) GUTIERREZ, F. *Linguagem Total*. São Paulo, Summus, 1978, p. 15.

(8) Op. cit., p. 33.